

Os Capacetes de Sara Lana – O Embate Ético Entre o Público e o Privado em Tempos de Vigilância Eletrônica¹

Bruno de Jesus LEITE²

Sergio Augusto Soares MATTOS³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar os desdobramentos dos adventos tecnológicos, mais especificamente os sistemas de videomonitoramento, na relação com o embate ético entre o público e o privado. O ponto de partida de tal análise está no vídeo ‘Sorria que eu estou te filmando’, veiculado pela Trip TV em 9 de janeiro de 2017, em que a artista hacker Sara Lana apresenta seus inventos capazes de burlar sistemas de vigilância eletrônica. Para a concepção deste artigo foram utilizados como embasamento teórico conceitos como intimidade, liberdade civil, aldeia global e cultura hacker.

PALAVRAS-CHAVE: Trip TV; videomonitoramento; público; privado; ética.

Algumas considerações iniciais

Rousseau, ao falar sobre liberdade civil, toma como referência o Estado de Natureza⁴. O mesmo filósofo, defensor da propriedade privada, afirma que o homem vive um estado de aprisionamento, falta-lhe liberdade.

O uso de câmeras ocultas é por si só controverso, por detrás de tal prática estão diversos condicionantes de cunho ético como a própria filmagem sem autorização ou a segurança de dados contidos em tal material, “os novos dispositivos tecnológicos de vigilância colocam em jogo uma importante articulação entre controle, risco, liberdade, segurança e visibilidade” (PEDRO, 2005 apud CASTRO; PEDRO, 2009, p. 74)

¹ Trabalho apresentado na IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Autor. Graduando em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: brunojleite@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do curso de Comunicação Social – Jornalismo do CAHL – UFRB.

⁴ Se refere à hipótese não histórica de que o homem viveu de forma selvagem, possuindo a chamada Liberdade Natural.

Adriano Roberto (2015), defende que as câmeras ocultas (CO) se dividem em dois tipos, as *escondidas* (ou ocultas) e as *não percebidas*. Sendo a última o objeto a ser analisado no presente texto, iremos tratar então sobre o que de fato são. Conceitua-se como não percebidas, "câmeras pré-instaladas em determinados lugares ou meios de trabalho. As câmeras de segurança e as câmeras em viaturas policiais são alguns exemplos desta categoria" (ROBERTO, 2015, p.5).

O trabalho aqui desenvolvido, toma como pretexto a artista hacker Sara Lana e busca analisar os desdobramentos éticos na implementação dos sistemas de vigilância eletrônica no cotidiano da vida humana. O objetivo primordial é o de avaliar o uso das câmeras não percebidas, os avanços tecnológicos e suas reverberações cada vez mais crescentes dentro do que McLuhan chamou de *Aldeia Global*.

A intimidade ocidental e a dicotomia entre o público e o privado

A intimidade da forma como conhecemos é um elemento recente no cotidiano da vida humana, uma construção social advinda dos primórdios da Revolução Industrial, acontecimento que por sua vez, segundo Darcy Ribeiro (1995) teve uma força que desencadeou "uma era de revoluções sociais em todo o mundo, antes de cristalizar-se numa nova ordenação social estável" (RIBEIRO, 1995, p.221).

A divisão entre público e privado é a chave para a compreensão do surgimento da intimidade, que nascida nos braços da burguesia europeia dos séculos XVIII e XIX cada vez mais ávida na busca por um espaço "íntimo", tem um grande impacto no contexto histórico atual.

De acordo com Paula Sibilia (2003), enquanto construção histórica e convenção social, a privacidade em algumas culturas inexistente ou é praticada de formas distintas. Um grande exemplo disso são as comunidades tribais presentes em diversos territórios do Ocidente como América, África e Oceania. As referidas comunidades guardam consigo tradições anteriores aos processos de colonização. Estão nesse campo os ritos e as formas de sociabilidade diferentes das praticadas pelo indivíduo urbano, por exemplo.

Na busca pelo entendimento do que é público e o que é privado Norberto Bobbio (1987) define o tensionamento entre as duas forças, se assim podemos dizer, como uma *grande dicotomia*. Outros exemplos de dicotomias como paz/guerra, democracia/autocracia, estado de natureza/estado civil, possuidoras de um caráter

maniqueísta tipicamente ocidental são citadas pelo autor para reforçar sua afirmação de que:

Podemos falar corretamente de uma grande dicotomia quando nos encontramos diante de uma distinção da qual se pode demonstrar a capacidade: a) de dividir um universo em duas esferas, conjuntamente exaustivas, no sentido de que todos os entes daquele universo nelas tenham lugar, sem nenhuma exclusão, e reciprocamente exclusivas, no sentido de que um ente compreendido na primeira não pode ser contemporaneamente compreendido na segunda; b) de estabelecer uma divisão que é ao mesmo tempo total, enquanto todos os entes aos quais atualmente e potencialmente a disciplina se refere devem nela ter lugar, e principal, enquanto tende a fazer convergir em sua direção outras dicotomias que se tornam, em relação a ela, secundárias. (BOBBIO, 1987, p.13)

Para Bobbio, os dois termos de uma dicotomia podem existir tendo sentidos que independam um do outro, ou em outra hipótese, o primeiro receberá sentido e o outro terá sentido oposto. Ele diz:

[...] pode-se dizer que os dois termos de uma dicotomia se condicionam reciprocamente, no sentido de que se reclamam continuamente um ao outro: na linguagem jurídica, a escritura pública remete imediatamente por contraste à escritura privada e vice-versa; na linguagem comum, o interesse público determina-se imediatamente em relação e em contraste com o interesse privado e vice-versa. (BOBBIO, 1987, p.14)

Liberdade e a utilização de câmeras na segurança da aldeia global

Os estudos de Marshall McLuhan contidos na obra 'Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem', suscitam mais uma vez⁵ o conceito de *Aldeia Global* para definir a conjuntura mundial globalizada como um espaço interligado pela mídia, e consideram as invenções tecnológicas enquanto prolongamentos do próprio corpo humano. McLuhan (1964) considera que o "meio é a mensagem", e que à vista disso "é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas" (MCLUHAN, 1964, p. 23). Conforme o autor,

[...] as consequências sociais e pessoais de qualquer meio — ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos — constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. (MCLUHAN, 1964, p.21)

Já Rafael de Castro e Rosa Pedro (2009), também considerando a sociedade em uma lógica de ligações e interações numa roupagem mais atual, propõem através do

⁵ A primeira vez que o termo foi citado em suas obras foi em 'A Galáxia de Gutenberg' (1962).

pensamento de John Law (1992) e Latour (2000) a existência do conceito de *Rede* - “coletivos sociotécnicos, configurados em relações fluidas e cambiáveis, mas que, em certa medida, por certo tempo, conseguem apresentar estabilidade” (CASTRO; PEDRO, 2009, p.72). Nesta estrutura, as conexões seriam a ligação entre os atores diversos, a gênese da comunicação.

O nível cada vez mais crescente de velocidade na criação de tecnologias e o raciocínio lucrativo da etapa mais recente do capitalismo fazem com que questões como a manutenção da propriedade privada e a garantia da segurança imperem na condução do que vamos chamar aqui de *estratégias de inibição da violência*. Há, segundo Davis (1993 apud KANASHIRO, 2006), uma obsessão por sistemas de segurança física e controle arquitetônico das fronteiras sociais nos espaços públicos; existindo nesse processo, “a ocultação da violência econômica cotidiana da cidade e, por outro, a definição de determinados grupos como perigosos” (KANASHIRO, 2006, p.32).

A utilização dos dispositivos de videomonitoramento despontam na contemporaneidade a partir de *estratégias de inibição da violência* em diversos espaços, sejam eles públicos ou privados. “No Brasil, a inserção de câmeras de monitoramento nos espaços de circulação pública é um fenômeno mais recente, que se iniciou e consolidou-se nos últimos 20 anos aproximadamente” (KANASHIRO, 2006, p. 2).

No geral, a implementação do videomonitoramento é vista como uma política de segurança que ultrapassa fronteiras, gera sentidos e esculpe a experiência humana de forma abrangente. Uma política de segurança global. Contudo, a eficácia dessa política está atrelada a outras imposições. Uma delas é a limitação técnica na produção de “conteúdo aproveitável”:

Especificamente no Brasil, o primeiro ponto controverso suscitado a partir da presença cada vez maior dos dispositivos tecnológicos de vigilância é que por si só estes não constituem uma garantia de segurança. Na análise dos teóricos, sua eficácia é extremamente reduzida caso estes circuitos de câmeras não estejam articulados a um banco de dados, a softwares de identificação e reconhecimento (PEDRO, 2005) e a uma política de segurança adequada. (CASTRO; PEDRO, 2009, p. 74)

Outra imposição é o direcionamento que a indústria dá para os meios tecnológicos por ela desenvolvidos:

O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quanto ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade, não deixa de ser bastante típico que o “conteúdo” de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. Somente hoje as indústrias se tornaram

conscientes das diversas espécies de negócios em que estão mergulhadas. A IBM só começou a navegar com boa visibilidade depois que descobriu que não estava no ramo da produção de máquinas e equipamentos para escritórios e sim no de processamento da informação. A General Electric auferiu uma boa parte de seus lucros das lâmpadas elétricas e dos sistemas de iluminação. Ela ainda não descobriu que, tanto quanto a A. T. & T., ela está no negócio da informação móvel e em mudança. (MCLUHAN, 1964, p. 23)

A própria indústria do videomonitoramento é uma beneficiada pela consolidação dos sistemas de vigilância como uma política global de segurança.

Os capacetes de Sara Lana, ética hacker e a distopia quase profética de Orwell



George Orwell, em '1984' - ficção escrita na década de 1940 – cita, de forma quase que profética, os sistemas de videomonitoramento em uma realidade global e os posiciona como detentores de uma poderosa regulação social. A tecnologia na utopia negativa de Orwell, está a serviço de um Estado totalitário comandado pelo Grande Irmão, que infringe paulatinamente a liberdade e a intimidade dos habitantes de um território. Na vida real, a obra rendeu traduções, produções audiovisuais e um formato de reality show.

"Cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos" (MCLUHAN, 1964, p. 37). A regulação social agenciada pelos sistemas de vigilância eletrônica é um claro exemplo da reflexão de McLuhan sobre o meio ser a mensagem. A própria transposição da regulação social é uma outra ação que versa sobre

a supracitada transpiração dos sentidos. No vídeo ‘Sorria que eu estou te filmando’, a artista hacker⁶ Sara Lana se apropria de tecnologias que possibilitem tal transposição.

O aumento exponencial de câmeras de segurança nos grandes centros urbanos do Brasil e a falta de regulamentação e controle dos dados gravados por estas são as justificativas que Sara Lana utiliza no vídeo para explicar como e porque desenvolveu o ‘Projeto Pontos Cegos’⁷. Dois capacetes projetados por ela fazem o trabalho de burlar as câmeras: um detecta e registra em um mapa onde os aparelhos identificados se localizam, o outro inibe as gravações.

Steven Levy, em seu livro ‘Os Heróis da Revolução’, aponta seis valores que integram a ética hacker:

O acesso a computadores - e a tudo que possa ensinar algo sobre o funcionamento do mundo - deve ser ilimitado e total. [...] Toda informação deve ser aberta e gratuita. [...] Desconfie da autoridade - promova a descentralização. [...] Os hackers devem ser avaliados por seus resultados práticos, e não por falsos critérios como formação acadêmica, idade, raça ou posição social. [...] Você pode criar arte e beleza em um computador. [...] Computadores podem mudar sua vida para melhor. (LEVY, 2012, p. 26-30)

Sendo assim, podemos dizer que a ética hacker age na defesa de causas políticas. E no caso de Sara Lana, problematiza uma obsolência regulamentar causada por conta dos avanços tecnológicos constantes. A artista é a materialização da contestação de reverberações tecnológicas que invadem a intimidade, ela age na criação de tecnologias que se opõem ao que ela diz ser uma “naturalização da vigilância”.

Considerações finais

O surgimento da intimidade converge com o nascimento do próprio capitalismo. Já o incremento dos sistemas de vigilância, a atmosfera globalizada mundial e a própria concepção das relações sociais através de conexões são incrementos relativamente novos na dinâmica da vida humana. Algo que o pensamento de McLuhan nos ajuda a analisar sobre a perspectiva de que o “meio é a mensagem”.

⁶ Termo que define indivíduos inseridos na cultura hacker que se apropriam da tecnologia na produção artística. Prezam, entre outras coisas, pela apropriação ilimitada das tecnologias para entendimento do mundo e confronto ao poder centralizado.

⁷ O projeto consiste na identificação de câmeras e criação de rotas que permitam um indivíduo caminhar de um ponto a outro da cidade passando apenas pelos pontos cegos de suas câmeras.

Levando isso em consideração, podemos concluir que as ações sociais e/ou psicológicas são reverberações dos adventos tecnológicos. Assim, própria demanda de um grupo social por determinada tecnologia seria um dos reflexos. Seria surreal, por exemplo, pensar na gestão de grandes cidades sem a presença de sistemas de videomonitoramento. Entretanto, alguns questionamentos devem ser feitos acerca dos destes sistemas: quem os administra? Qual a real eficácia dos sistemas de vigilância eletrônica? Há a garantia na segurança de dados em uma sociedade cada vez mais globalizada e imersa na velocidade da informação?

De antemão, algumas constatações podem ser feitas. A implementação de sistemas de videomonitoramento nada mais é que uma política de segurança global pouco debatida a nível político que faz uso da filtragem social na definição de infratores, se debruça em uma estratégia de antecipação dos fatos e que sempre estará na defesa do capital em detrimento de um invento do próprio capital, a intimidade.

Identificou-se no decorrer deste trabalho, bem como na bibliografia consultada, a comprovação de um espaço público segregado e um estado de liberdade vigiada, com corpos submetidos ao monitoramento constante, sujeitos à visibilização de seus atos, como em ‘1984’. Aliás, ‘1984’ é um referencial para que tracemos uma analogia com a realidade. A valorização e empoderamento da indústria de videomonitoramento na detenção de dados e na lucratividade, expõe os pilares da reflexão marxista da luta de classes, da privatização do espaço público e a consolidação dos interesses privados.

Na atualidade, o enfrentamento aos ataques em direção à liberdade civil e à intimidade se materializa em figuras hackers como a de Sara Lana, Julian Asssange⁸ e Edward Snowden⁹.

⁸ Porta-voz do WikiLeaks, portal de divulgação de denúncias e vazamento de informações.

⁹ Ex-funcionário da Agência Nacional de Segurança dos EUA (NSA) responsável por copiar e divulgar documentos secretos do sistema de espionagem eletrônica global mantido pelo governo estadunidense em parceria com outros países.

Referências

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: por uma teoria geral da política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTRO, Rafael Barreto de; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. **Redes de vigilância: a experiência da segurança e da visibilidade articuladas às câmeras de monitoramento urbano**. Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina, Curitiba, p. 70-91, mar. 2009.

JEKINS, Steve. **Os heróis da revolução: como Steve Jobs, Steve Wozniak, Bill Gates, Mark Zuckerberg e outros mudaram para sempre as nossas vidas**. São Paulo: Évora, 2012.

KANASHIRO, Marta Mourão. **Sorria, você está sendo filmado: as câmeras de monitoramento para segurança em São Paulo**. 2006. 123 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROBERTO, Adriano Belmiro Isaías. **Usos Éticos da Câmera Oculta no Telejornalismo**. 2015. 45 f. Projeto Final em Jornalismo - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SIBILIA, Paula. **Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica**. Compós, Rio de Janeiro, jan. 2003

SILVA, Vital Ataíde da. **Rousseau: da liberdade natural à liberdade civil**. Saberes em perspectiva, Jequié, v.1, n.1, p. 51-77, set./dez. 2011

TRIP TV. **Sorria que eu estou te filmando**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bECVsfDJvQI>>. Acesso em: 05 fev. 2018.